



# Meu sonho com o iMac

**F**azia um tempo que eu não acompanhava as novidades da Apple. Fiquei sem linha telefônica própria um tempo e não conseguia mais acessar a minha BBS, nem a Internet, nem... tá bom, não tem desculpa.

Macmaníaca como sou, nunca tinha visto a cara do iMac antes. Foram quase dois anos offline. E com o meu Performinha 6300 de supermercado dando um pau atrás do outro, para falar a verdade, não estava morrendo de amores pela Apple ultimamente.

Não me leve a mal, sou Mac vida loca all the way. O meu caso de fanatismo (e muitas vezes de frustração) com a Apple começou em 93, quando trabalhei com um já obsoleto SE 30 e ele fez tudo o que os PCs mais “avançados” da época faziam – pasme, na diagramação de apostilas escolares. É isso aí: aquela coisinha minúscula botou as workstations de toda uma equipe no chinelo. Foi lindo.

Quando chegou a Macmania com o iMac na capa, pensei que fosse mais um daqueles projetos brilhantes e inacessíveis – como o eMate, que é um Newton lindo de morrer (verde!), e que parecia ser a salvação da Apple. As pessoas não podiam ser tão burras ao ponto de não comprar um laptop de 800 dólares, com uma bateria que nunca deixa você na mão.

Mas as pessoas (ou a Apple) foram “burras” e o eMate nunca entrou direito no mercado. Eu mesma tive que mentir, dar uma de estudante nos EUA para conseguir o meu. Então, quando descobri que o iMac já estava disponível, com estande em shopping e tudo, não con-

seguia mais dormir enquanto não botasse as minhas mãos em um.

Babação à parte, o iMac no Brasil é, de certa forma, um engodo. As nossas linhas telefônicas jurássicas não comportam um computador sem disquete. E no dia-a-dia da maior parte dos usuários, o importante mesmo é dialogar com PCs, poder entregar um trabalho que a máquina dos outros leia com facilidade. E tem o problema do sistema USB – qualquer periférico tem que ser substituído ou adaptado, com um custo adicional. Fora, que, para ter uma performance de G3

de verdade, tem que ter RAM suficiente para isso, não meros 32 MB. Então, basicamente, aquele preço lindo não vale para a gente. Ter um iMac operante e prático custa bem mais do que R\$ 2.200.

Outra coisa que me incomodou foi a interface atual do Mac. O Mac OS 8 é muito feio!!! Essas janelinhas 3D parecem coisa de Windows. Eu ainda tinha o System 7, por isso quase morri do coração quando fiz o test drive do iMac numa loja.

Como um computador tão lindo por fora pode ser tão horrível “por dentro”? E aquela opção de botõezinhos? Eca! Eles querem transformar o Desktop num Launcher gigantesco. Com certeza isso é coisa para usuário de PC ficar à vontade. Me senti traída. Aliás, sempre pensei que teria um prazer perverso ao ver os pecezistas babando por um Mac. Mas confesso que estou com um pouco de ciúme. Tudo bem, vou colocar um Kaleidoscope no meu iMac (já que os temas do 8.5 não deram o ar da graça) e ele vai ficar com cara de Lisa – eles vão ver só uma coisa. Além do que, é muito cedo para falar numa virada efetiva no mercado – a gente ainda vai penar bastante por usar Mac, como foi muito bem colocado pelo Carlos Ximenes no último Ombudsmac. Agora sou bombardeada de todos os lados por imagens verdes fumegantes do melhor computador do mundo. É verdade, sou uma vítima do marketing da Apple – eu casaria com o Steve Jobs. A grana tá curtíssima, mas a minha prioridade número um é ter o meu iMac, mesmo com o mouse pra criança (já tô imaginando como vai ser trabalhar com um mouse normal no escritório e com aquele projeto de mouse em casa – minha mão vai dar um nó). Inacessível? Sim, infelizmente. Ainda. Mas só porque eu ando muito pobre ultimamente. Eu quero um iMac, e quero 128 MB de RAM, e um drive de disquete e um Zip Drive e, não senhor, não vou dormir direito enquanto não conseguir. **M**

Babação à parte, o iMac no Brasil é, de certa forma, um engodo

Como um computa-

## CRIS SIQUEIRA

Faz de tudo um pouco e de um muito nada; entre outras coisas, escreve para o melhor site de quadrinhos que ela já viu, o CyberComix ([www.cybercomix.com.br](http://www.cybercomix.com.br)), além de sonhar todas as noites com um mundo verde, muito verde (ela é palmeirense).

As opiniões emitidas nesta coluna não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.

